

01.07.2020 07:00 | por

Catarina Augusto não quis regressar a Portugal quando a pandemia chegou. Ficou confinada em Buenos Aires, na Argentina, onde se encontra a fazer um estágio profissional, e não se arrepende. A forma que tem de conhecer a cidade é fazer "visitas turísticas a supermercados e cafés".



Catarina Augusto, 27 anos, gosta de pensar que é mais casmurra do que o vírus. Nem sempre consegue ter esse *mindset*, sobretudo porque se encontra no país que, segundo palavras da própria, é o "*Champions das extensões da quarentena*". Está desde 28 de fevereiro de 2020 em Buenos Aires, na Argentina, ao abrigo do INOV Contacto – um programa de estágios internacionais promovido pela Agência para o Investimento e Comércio Externo em Portugal.

PUB

O confinamento ali nunca chegou a terminar, e agora até parece estar a regressar ao início. Os casos recomeçaram a aumentar, sobretudo nos bairros mais pobres da capital argentina. As escolas nunca chegaram a abrir, nem os cabeleireiros, os jardins ou as esplanadas. Os transportes públicos destinam-se apenas a quem tem de ir trabalhar presencialmente (não é o seu caso, está em teletrabalho) e a polícia controla quem tem essa permissão através de uma *app*. O ritual diário das palmas às 21h persiste, e quando os casos crescem muito ou morre algum profissional de saúde, intensifica-se.

As crianças só podem sair para passear ao fim de semana e, para quem quer fazer *jogging*, há regras a cumprir: "Só se pode correr desde as 19h até às 8h e sai-se consoante os últimos números do bilhete de identidade. Os pares só podem sair nos dias pares e os ímpares, nos dias ímpares. É uma forma de não haver muitas pessoas a sair ao mesmo tempo", conta à **SÁBADO** a mestre em engenharia da energia e do ambiente.

Catarina Augusto arranjou uma forma de fazer turismo, mesmo em contexto de pandemia. Como? "Faço visitas turísticas aos supermercados e aos cafés", diz. Ou seja, tenta não repetir os sítios onde faz as compras necessárias para a alimentação, e para a casa, ou aqueles onde vai buscar um café. Tudo dentro do seu bairro (Belgrano, um bairro nobre) que, por sorte, é grande e tem bastante variedade.

A vontade de trabalhar no estrangeiro existe desde cedo e foi-lhe inculcada pela própria família. "Fiz a primeira viagem com 7 anos, para Roma, e se não tivesse ido para Erasmus durante o curso os meus pais teriam um desgosto [estive em Utrecht, na Holanda]", diz, divertida. Ir parar a Buenos Aires foi o *matching* ideal e até o trabalho lhe dá bastante prazer: está a trabalhar como engenheira de projeto num projeto de energias renováveis.

Só não contava que, logo duas semanas depois de chegar – e de ter experimentado uma aula de tango e o ritual argentino de partilha de chá, o mate –, o país se fechasse por causa do coronavírus. A quarentena obrigatória começou a 20 de março. Ainda pensou

em regressar, quando lhe foi posta essa possibilidade, mas acabou por querer ficar. "O primeiro pensamento que tive foi: 'Isto vai passar.' Ainda agora cheguei'", recorda.

Mas, três meses depois, ainda não passou. Nem ali, nem em lado nenhum do mundo. "Isto está a acontecer a toda a gente, ao mundo inteiro", diz. Cumpre a rotina de 8h de trabalho diárias, em que passa a maior parte do tempo ao telefone com fornecedores – o que tem dado jeito para praticar o seu espanhol –, e para manter a sanidade mental, e algum contato que não seja através de um ecrã, tem a ajuda de duas vizinhas: uma nativa e outra colombiana.

"Com a Naya [a vizinha argentina] combinei irmos pôr a roupa a lavar sempre juntas, à máquina do edifício que fica numa sala fechada. A Natalia [colombiana] costuma oferecer-me café da Colômbia e também partilhamos pratos, se fazemos alguma experiência. Eu agora ando a tentar aprender a fazer *empanadas*", diz à **SÁBADO**. Tudo através da varanda: vivem mesmo ao lado uma da outra.

Há dias em que Catarina Augusto se sente frustrada, mas depressa esquece esse sentimento e tenta aproveitar a experiência ao máximo. Já tem a viagem de regresso marcada para 13 de setembro, e também já teve de reajustar os seus planos para depois do estágio. "No início, queria estender a viagem para conhecer a América do Sul. Agora se conseguir sair do meu bairro, e ver Buenos Aires antes de me ir embora, já fico feliz", diz.